



MACHADO DE ASSIS

UM AUTOR EM PERSPECTIVA

global
EDITORA



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – Ana Maria Machado.....	9
PRÓLOGO – Ascensión Rivas Hernández	11
MACHADO DE ASSIS NO PROCESSO LITERÁRIO BRASILEIRO – Domício Proença Filho	17
DIÁLOGOS MACHADIANOS – Ana Maria Machado.....	33
TRISTRAM SHANDY, BRÁS CUBAS E A TRADIÇÃO METAFICCIONAL NO ROMANCE DO SÉCULO XIX – Pedro Javier Pardo García	49
CAPITU: RETRATO DE UMA GIOCONDA BRASILEIRA – Antonio Maura	69
ESPELHOS E MARCOS NARRATIVOS EM MACHADO DE ASSIS – María Isabel López Martínez.....	83
METAFICÇÃO, FANTASIA E REALIDADE NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS – Ascensión Rivas Hernández	99
UMA LEITURA COMPARADA ENTRE MACHADO DE ASSIS E UNAMUNO NO MARCO DA SÁTIRA CIENTÍFICA – Begoña Alonso Monedero.....	121
À SOCIEDADE REPRODUZIDA NO ESPELHO FOTOGRÁFICO DA FORMA DRAMÁTICA: MACHADO DE ASSIS E O TEATRO – Carlos Paulo Martínez Pereiro	143
UMA CONVERSA DE VIZINHOS: A CRÔNICA JORNALÍSTICA EM MACHADO DE ASSIS, ENTRE O LOCAL E O UNIVERSAL – Javier Sánchez Zapatero.....	159
SUGESTÕES E EVASIVAS. ESCRITURA DE SI E TESTEMUNHOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA NO EPISTOLOGRAFIA DE MACHADO DE ASSIS – Marcos Antonio de Moraes	175

ESTRATÉGIAS NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO DAS DÉCADAS DE 1960-1970, O PAPEL DAS ANTOLOGIAS DE CONTOS E O CASO DA <i>MISSA DO GALO</i> , VARIÇÕES SOBRE O MESMO TEMA – M. Carmen Villarino Pardo.....	195
BIOGRAFIA DOS AUTORES.....	215

UMA FÉRTIL PERSPECTIVA

Ana Maria Machado

Presidente da Academia Brasileira de Letras 2011-2013

Este é o primeiro volume de uma nova série, feita em coedição pela Editora Global e a Academia Brasileira de Letras. Mas essa não é a única parceria em que estes livros se apoiam. Ela vai mais longe e envolve outras contribuições, sobretudo de universidades no exterior.

Cada volume focalizará a obra de um autor, visto com a perspectiva fornecida pela distância. Por vezes, em contraste com visões mais de perto de especialistas brasileiros. Reunindo textos de autores brasileiros e estrangeiros, tendo em comum o foco sobre a obra de um de nossos escritores, propicia-se a oportunidade de uma visão multifacetada muito interessante e fecunda, sobretudo por sua qualidade e diversidade e pela autoridade dos especialistas que a compõem, ao examinar aspectos muito variados da criação literária do autor abordado.

No caso deste livro, o ponto de partida foi um seminário sobre a obra de Machado de Assis, organizado na Espanha pela Universidade de Salamanca, com a qual a Academia Brasileira de Letras mantém um convênio que busca incentivar o conhecimento mútuo de nossos autores. Um dos objetivos da ABL também é o de estimular a crescente formação no exterior de uma fortuna crítica de qualidade sobre a obra dos acadêmicos.

Um dos mais instigantes estudos sobre a obra de Machado de Assis, o clássico ensaio de Roberto Schwartz, o apresenta como um mestre na periferia do capitalismo. Este livro, entre outras coisas, traz uma contribuição original: a de um olhar direto desse centro europeu para essa periferia brasileira, em diálogo com nossas visões. Um olhar iluminado por

- DIMAS, A. "Uma visita a Oliveira Lima Library: cartas de Jackson de Figueiredo (11), Nestor Vitor (1), Machado de Assis (6) e Aluizio Azevedo (1)", *Língua e Literatura*, v. 6. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, São Paulo: FFLCH/USP, 1977, p. 339-368.
- GUIMARÃES, H. de S. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX*. São Paulo: Edusp/Nankin, 2004.
- MACHADO, U. (Org.). *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.
- PEREIRA, L. M. "Ao pé do leito derradeiro". In: *Machado de Assis* (Estudo crítico e biográfico) [1936]. 6. ed. revista. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1988, p. 262-3.
- RENAN, E. *Souvenirs d'enfance et de jeunesse* [1883]. Paris: Calmann-Lévy, 1967.
- TERESA: revista de literatura brasileira, 8/9. Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2008.

ESTRATÉGIAS NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO DAS DÉCADAS DE 1960-1970. O PAPEL DAS ANTOLOGIAS DE CONTOS E O CASO DA *MISSA DO GALO*. VARIAÇÕES SOBRE O MESMO TEMA

M. Carmen Villarino Pardo
Grupo Galabra-Universidade de Santiago de Compostela

Missa do Galo. Variações sobre o mesmo tema, é um livro organizado por Osman Lins com a colaboração de outros cinco escritores ("dentre o de maior evidência na literatura contemporânea brasileira", *O Globo*, 12/10/77) com a ideia de recriar o conto de Machado de Assis considerado por vários estudiosos e críticos literários uma "obra-prima", "*Missa do Galo*" (1899).²

Ele convidou cinco escritoras e cinco escritores, dos quais, cinco são do Rio de Janeiro e cinco de São Paulo: Nélida Piñon, Antônio Callado, Autran Dourado, Lygia Fagundes Telles, Julieta de Godoy Ladeira e o próprio Osman Lins (pernambucano radicado em São Paulo). Cada um/a deles/as deveria adotar a perspectiva de uma das personagens principais ou secundárias do conto machadiano (Lins, 1977: 8-9), e o último, a visão do narrador onisciente:

1 Algumas reflexões sobre esse conto podem ser vistas por citar uma referência próxima e recente, no texto de Ascensión Rivas, "Amores imposibles (o retratos del alma humana) em três contos de Machado de Assis" (em A. Rivas - coord. -, 2010, 47-50) e, sobre a própria experiência (literária) derivada do convite de Osman Lins, a crônica de N. Piñon "As artes do Bruxo", publicada em seu livro *Até amanhã, outra vez*. Crônicas, Rio de Janeiro: Record, 1999; ou a conferência de Lygia F. Telles, "O conto" na ABL (02/09/2000) - <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=4266&sid=531>>. Acesso em: 24 set. 2013.

2 O conto "Misa de Gallo" de Machado de Assis, aparece publicado pela primeira vez em 1893 e foi incluído na primeira edição de *Páginas Reunidas*, em 1899.

Osman Lins (perspectiva do jovem Nogueira, a mesma do conto original); Autran Dourado (perspectiva do escrevente juramentado); Nélida Piñon (perspectiva de Meneses); Julieta de Godoy Ladeira (perspectiva de Conceição); Antônio Callado (perspectiva da sogra); e Lygia Fagundes Telles (visão onisciente). (*O Globo*, 12/10/77).

Tratava-se de uma experiência nova e pouco comum em termos de produto literário brasileiro. Na produção poética, apesar de tratar-se de uma experiência ligeiramente diferente, encontramos vários exemplos, como lembra o jornalista Elias José em um artigo publicado no *Diário Minas Gerais*, de 20/10/79:

Canção do Exílio, de Gonçalves Dias, com apropriações variadas, que vão de um Oswald de Andrade, um Drummond, um Murilo Mendes e chegam a outros de menores méritos. O poema *José*, de Carlos Drummond de Andrade, virou clássico e modelo há muito tempo.

Sendo mais comum na música ou na pintura, como sugere também Osman Lins na introdução da obra (Lins, 1977: 7). Há, no que podemos denominar “o estado da questão”, várias obras que, em catálogos recentes, se incluem na epígrafe “Obras inspiradas em Machado”.³

À edição inicial restrita e de luxo (de 1012 exemplares – sendo doze deles numerados e assinados pelo conjunto de seis autores/as –, em formato quadrado, com planificação gráfica de Diana Mindlin e incluindo uma reprodução fotográfica da versão original de 1899, além de ilustrações de jornais e revistas da segunda metade do século XIX, oferecida como presente de Natal pelo Banco Safra⁴ a seus clientes, seguiu-se, simultaneamente, uma edição comercial, mas também bem cuidada, da editora Summus (fundada

em 1974).⁵ com capa de Regina Vater e ilustrações de Otávio de Araújo, um dos melhores artistas plásticos do país (*Jornal da Tarde*, 14/11/77).

A repercussão que essa iniciativa teve, não só visível em um importante êxito de vendas, como também na imprensa, foi enorme,⁶ por tratar-se desse conhecido conto de Machado de Assis e pela sugestiva iniciativa do autor pernambucano. Entre os comentários sobre a obra, destacam-se alguns elogios à participação, entre outros, de Nélida Piñon,⁷ grande admiradora do autor do *Cosme Velho*.⁸ Outra escritora, Lya Luft, qualificou essa proposta de uma “fascinante experiência de leitura, que prende e surpreende” (*Folha da Tarde*, Porto Alegre, 14/1/78) em um artigo em que comentou que o trabalho de Antônio Callado lhe pareceu “o mais machadiano de todos”.

5 Ver <www.gruposummus.com.br>.

6 Entre muitas outras referências, basicamente resenhas que aparecem na imprensa jornalística, mencionamos estas: Carlos Menezes, *O Globo*, 12/10/77; Telmo Martino, *Jornal da Tarde*, 28/10/77; *O Estado de S. Paulo*, 22/11/77; *O Globo*, 23/11/77; *O Diário*. *Jornal de Minas*, 25/11/77; *Tribuna da Imprensa*, RJ, 26-27/11/77; Henry Corrêa de Araújo, *Estado de Minas*, 27/11/77; *Luta Democrática*, RJ, 30/11/77; Osmar Flores, Paulo de Medeiros e Albuquerque, *Gazeta de Notícias*, 8/12/77; *Última Hora*, 17/12/77; *Diário Popular*, 18/12/77; *Diário de Pernambuco*, 18/12/77; Beatriz Bonfim, José Nêumane, *Diário da Manhã*. *Diário da Manhã*, Ribeirão Preto-SP, 5/1/78; A. Hohfeldt, *Correio do Povo*, 7/1/78; Rachel Jardim, *O Globo*, 8/1/78; Vera Regina Teixeira, *World Literature Today*, Formerly Books Abroad, Inverno 1979... E, mais tarde, as referências a traduções para o italiano: *La messa del gallo* (1994, org. por Andrea Ciacchi; Roma: Biblioteca del Vascello, 1994) e para o alemão *Kurz vor Mitternacht*. (1994, tradução de Katharina Pfützner, Frankfurt/Leipzig: Insel Verlag, 1994).

7 “A tentativa de entrar no clima machadiano nos parece muito bem-sucedida em Nélida Piñon, não apenas pela perfeita reconstrução da época, minuciosa e sutil, mas também pela assimilação do estilo, tão diferente do seu [...]. Ao humor machadiano Nélida acrescenta um pouco de galhofa e a viva alegria das suas origens galegas” (Rachel Jardim, “O conto mais erótico da nossa literatura”, *O Globo*, 8/1/78)

8 Mais evidente, em termos públicos, quando se converte em Presidente da Academia Brasileira de Letras, no ano de seu centenário (1996-1997) – algumas das quais aparecem em seu livro de discursos, *O presumível coração da América*, 2002 –; mas as referências de N. Piñon a Machado de Assis são numerosas e aparecem disseminadas em crônicas, discursos, conferências etc. Como exemplos, “Troia e Machado” (*Aprendiz de Homero*. Ensaio, 2008) ou o texto publicado pelo CEB da Universidade de Salamanca (Rivas, 2010: 11-23), que reproduz um discurso anterior.

3 Ver, por exemplo, <<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/especial/docs/200810-maismachado.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2013 (onde aparece também o texto organizado por Lins).

4 Para mais informações sobre a entidade bancária, pode-se consultar a página <www.safra.com.br>

A forma conto é um dos elementos priorizados do repertório utilizado no sistema literário brasileiro em fins da década de 1960 e inícios da década de 1970. Sem esquecer, no entanto, as importantes contribuições que a década de 1940 deu ao (novo) conto brasileiro (Lucas, 1982; Xavier, 1987).

Precisamente, a década de 1960, com a continuidade de escritores/as já consolidados/as no cenário literário brasileiro, é um período muito frutificante (em termos de produtos e produtores, mas também de consumo, nesse sistema literário) para o conto no Brasil. À obra de autores/as com trajetórias reconhecidas como Murilo Rubião, Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Lygia Fagundes Telles, acrescentamos o êxito de Rubem Fonseca (*A coleira do cão*, 1965); de Néida Piñon (*Tempo das frutas*, 1966); de Osman Lins (*Nove, novena*, 1966); e as estreias de Moacyr Scliar (*O carnaval dos animais*, 1968); Luís Vilela (*Tremor de terra*, 1967); ou de Wander Piroli (*A mãe e o filho da mãe*, 1966). Porém, um dado fundamental é que, além do vasto número de autores/as de contos no Brasil (no qual já existia uma importante tradição com figuras do relevo de Machado de Assis,⁹ Mário de Andrade ou Monteiro Lobato) existia a vantagem (Lucas, 1982: 143) de que “o público e as instituições se mostravam receptivos para com o gênero”, apesar dessa consideração não ser estável.

9 Como sabemos, o gênero *conto* não surge no Brasil com Machado de Assis, já que, como indica Barbosa Lima Sobrinho – entre outros –, desde fins da década de 1830 encontramos em jornais brasileiros textos de Justiniano da Rocha ou Francisco Brito, antes do livro de Álvares de Azevedo *Noite na taverna* (1855), considerada obra de referência na tradição historiográfica brasileira. Coincidimos com ele em que, “se nosso conto literário não começou com Machado de Assis – já dizia Alberto de Oliveira – firmou-se com ele, recebendo-lhe das mãos trato que nenhuma das outras anteriormente lhe haviam dado e feição nova e característica com o interesse dos temas e alinhado e cuidado do estilo”. (Sobrinho, 1960: 47). Se for certo também que a crítica brasileira costuma indicar que Machado “poderia ser considerado legítimo inventor do que a crítica contemporânea chama de ‘conto moderno’, em oposição ao ‘conto clássico’, centrado na valorização do acontecimento, como propõe Edgar Allan Poe, não fosse o fato de viver no Brasil, periferia em relação ao centro dos acontecimentos artísticos no século XIX” (Mello, 2009: 29).

O conto foi adquirindo, a partir de meados dos anos 1960, um espaço importante no sistema literário brasileiro e uma legitimação de que havia carecido. Entre seus cultivadores encontravam-se alguns dos produtores de maior prestígio no panorama da recente produção literária brasileira, além de que o índice de vendas das antologias de contos aumentou de modo claro (fenômeno que se evidencia mais durante a década seguinte), as revistas culturais e literárias (ou com algum suplemento dedicado a esses temas) dedicavam algumas páginas à sua publicação,¹⁰ e surgiram importantes prêmios para reforçar essa produção.

Alguns integrantes da *institución* (sobretudo determinadas editoras, críticos, mercado e publicações periódicas)¹¹ percebem, em fins dos anos sessenta, que o conto podia vender, e utilizaram os meios adequados para prestigiar esse material de repertório, criando, para tal fim, prêmios que rapidamente adquirem reconhecimento público e social (pelas quantidades econômicas que oferecem aos vencedores e, especialmente, pela possibilidade de publicar os textos ganhadores) e favorecendo a organização de antologias coletivas que, sob um mesmo tema ou título, reúnem diversos produtores.

Desses prêmios, o Concurso de Contos do Paraná (criado pelo governo do Paraná, em 1968, e que contou com apoios editoriais) converteu-se em um dos mais importantes eventos literários do país durante esse período, e nele se deram a conhecer alguns dos escritores que destacariam, depois, no campo literário brasileiro.¹² O Concurso de Contos do Paraná dinamizou a produção literária e contribuiu como estímulo para a produção e evitalização¹³ de um gênero que “estava um pouco desprestigiado como matéria-

10 Sabemos que nessa época muitos escritores(as) unicamente publicavam em suplementos literários ou revistas (L.Gonzaga Vieira, *Minas Gerais*. Suplemento Literário, 5/9/70), porque a maioria das editoras fechavam as portas aos novos escritores (além da conhecida indiferença com que, amiúde, o escritor era tratado no país).

11 Utilizamos aqui o termo no sentido em que o faz Itamar Even-Zohar (1990: 37).

12 Cf., entre outros, Villarino Pardo (2000: 144-145) e Millarch (1987: 3).

13 Esse prestígio fez com que, por exemplo, em sua edição de 1976 fossem apresentados 2535 contos, de autoria de 845 pessoas. Era o concurso que mais contos recebia de todo o país. Na opinião de Affonso Romano de Sant'Anna, um dos membros do júri dessa edição, “um

-prima editorial' (especialmente em comparação com o romance). Apesar de alguns êxitos (os livros *Desastres de amor*, de Dalton Trevisan, e *Os 18 melhores contos do Brasil*, de Bloch Editores, tinham repercussão e se mantinham várias semanas nas listas dos mais vendidos) circulava a ideia de que “o conto não vendia”.

De modo que esse prêmio terminou por ter como função a de promover um gênero literário concreto, o conto; e sua mediação foi importante para a atenção que esta forma despertou em determinadas dinâmicas do sistema literário brasileiro desses momentos e para que se convertesse em um dos materiais repertoriados prestigiados, tanto que na década seguinte, a de 1970, chegou a integrar o repertório canonizado.

A atenção despertada sobre o gênero ajudou a que alguns dos contos publicados anteriormente em páginas de suplementos culturais e revistas¹⁴ acabassem integrando antologias que proliferaram no mercado editorial do país, especialmente a partir de meados dos anos 1970, e com resultados proveitosos em termos de consumo. Delas, as de maior êxito foram as que incluíam trabalhos de autoria feminina ou ainda que focalizassem assuntos relacionados com as mulheres. Vários artigos de imprensa dão mostra, por meio de seus titulares,¹⁵ da mudança que se aprecia na luta de forças que regem o campo literário brasileiro desde fins da década de 1970.

país que tivesse 845 contistas geniais seria insuportável”. Ele também comenta (*Escrita* 8, Ano 1, 1976, p. 16) que entre os textos do concurso havia “muitos escrevendo (‘maravilhosamente’) como Guimarães Rosa; outros soando uma perfeita Clarice Lispector; muitíssimos escrevendo como Valdomiro Silveira-José de Alencar-Bernardo Guimarães. Rubem Fonseca também faz escola. A narrativa fantástica está se tornando mais comum.”

14 Esse tipo de publicações proliferaram a partir de 1975, apesar de terem uma vida breve. Como exemplos, podemos citar *José, Saco-Cultural, Ceará* o *Inédito* (cf. Ruffato, 2009, 2010). Cícero Sandroni e Eglê Malheiros, da revista *Ficção*, que já havia alcançado o surpreendente número 19, comentaram em 1977: “É difícil manter uma revista de literatura no Brasil: quando não são os problemas financeiros que a ameaçam, é a censura [...]. Passamos por uma fase de surpreendente vitalidade neste setor, mas parece que agora chegou a hora das vacas magras” (Moacyr Scliar, “Porandubas literárias”, *Zero Hora*, 21/8/77).

15 “Não deixe de ler o que estas brasileiras escrevem” (*Mais*, Novembro, 1977, p. 67-82); “Escritoras na crista da onda: quatro antologias” (*Jornal de Letras*, outubro, 1978); “Antologias: Um negócio que dá certo. Principalmente quando o tema é mulher” (*Jornal do Brasil*, novembro, 1978, Beatriz Bonfim) etc.

Nas prateleiras das livrarias encontramos títulos como *O conto da mulher brasileira* (organizado por Edla Van Steen),¹⁶ *Elas por Elas* (organizado por Sônia Coutinho),¹⁷ *Mulheres e mulheres* (obra coordenada por Rachel Jardim, publicada pela editora Nova Fronteira, do Rio de Janeiro), entre outros. Se a forma *antologia* se converte em um dos materiais priorizados do repertório literário brasileiro nessa mudança de década porque funciona bem em termos de editora-mercado-consumidores, a marca de autoria feminina passa também a ter um significado especial, reforçado com a presença de outras escritoras como responsáveis pelo livro (a modo de solidariedade *inter pares* – também de sexo).

A presença do conto, como tema de debate ou como produto que se publica, é mais forte em fins dos anos 1960 e na década seguinte do sistema literário brasileiro. Ocupa um importante espaço nas (cada vez menos) páginas culturais dos jornais; “está na moda”. É frequente encontrar nesses espaços contos originais de autores e autoras conhecidos e, em geral, vivos, do sistema literário brasileiro. Observa-se, nesse momento, uma fertilidade do gênero, tanto em número de textos produzidos quanto na ampliação do número de produtores, entre os que destaca a presença de escritoras. Ao lado dos nomes de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, ou de Helena Silveira, Maria de Lourdes Teixeira e Dinah Silveira de Queiroz com trajetórias já consolidadas, encontramos um amplo grupo composto de novos nomes de produtoras que se incorporam ao campo literário.

Essa tendência continuou na década seguinte, não só em obras de autores individuais, mas também em antologias – os motivos escolhidos para organizá-las eram de tipo muito diferente –,¹⁸ algumas com grande êxito de

16 O livro, publicado em 1978, incluiu contos de Lygia Fagundes Telles, Cristina de Queiroz, Edla Van Steen, Néida Piñon, Julieta de Godoy Ladeira, Hilda Hist, Sônia Coutinho e Vilma Arêas, entre outras. Como vemos, estão incluídas as três autoras que participaram na obra organizada por Osman Lins (1977). Tratava-se de uma “reunião de textos femininos que falam de amor, de solidão, de vida, que tanto os homens como as mulheres devem ler” (E. Van Steen, “Literatura”, *Mais*, 1976).

17 Publicada em São Paulo, pela editora Alfa-Ômega.Vid., Tércio Santos, “Pressas do amor”, *Jornal do Brasil*, 24/2/79; *Jornal de Letras*, fevereiro/março, 1979.

18 Como mostra, podemos indicar as *Histórias do amor maldito* (1967, organizada por Herme-

vendas. A partir de 1975 a presença do conto é cada vez mais ampla no mercado editorial brasileiro, com a colaboração de alguns dos produtores literários mais prestigiados do país. Vários deles/as aparecem representados no livro organizado pelo prof. Alfredo Bosi, *O conto brasileiro contemporâneo*.¹⁹ E no ano em que morre Osman Lins, 1978, o número de contos publicados foi grande, difícil de registrar (Salim Miguel, “Ficção brasileira: o conto ainda predominante”, *Jornal do Brasil*, 30/12/78):

E embora equivalendo-se em qualidade, outra vez o conto superou, em quantidade (dado importante, pois uma literatura se faz também de quantidade, ficando o trabalho de triagem a critério do tempo), romance e novela.

Com essa estratégia comercial, as editoras envolvidas não arriscavam muito na iniciativa porque procuravam alcançar um público amplo por meio do próprio caráter divulgativo e heterogêneo das coletâneas²⁰ e da seleção

negildo Sá Cavalcanti; com textos de Lúcio Cardoso, A. Dourado, N. Piñon, O. de Faria, P. Hecker Filho...), *Os 18 melhores contos do Brasil* (1968, com textos de D. Trevisan, Ignácio de Loyola, N. Piñon, Luiz Vilela...), a *Antologia de contos brasileiros de bichos* (1970, Bloch Editores, organizada pelos baianos Hélio Pólvora e Ciro de Matos e com textos de Guimarães Rosa ou J. Simões Lopes Neto); *Os melhores contos brasileiros de 1973* (1974, VVAA, editora Globo; com textos de Clarice Lispector, Nélide Piñon, Rubem Fonseca, Víctor Giudice, Sérgio Sant’Anna, Luiz Vilela etc.

19 O livro foi publicado em São Paulo (Cultrix/EDUSP) e incluía textos de Clarice Lispector, Samuel Rawet, Lygia F. Telles, Nélide Piñon, Murilo Rubião, Luiz Vilela e Osman Lins, entre outros). Em uma resenha a respeito desse livro, o crítico Fausto Cunha explica: O conto brasileiro atravessa um momento favorável – bem diferente daquela situação que nós próprios assinalávamos há menos de dez anos. Os concursos literários, as revistas e, sobretudo, as edições e reedições de livros de contos mostram que esse gênero finalmente encontra, ou reencontra, entre nós, o seu lugar ao sol. (Fausto Cunha, “Resenhas”, *Ficção*, Abril, 1976).

20 Pode ser útil o exemplo citado da antologia *Os melhores contos brasileiros de 1973* (V. nota 9), porque o objetivo da editora foi o de reunir contos que haviam aparecido de modo independente em revistas e páginas de periódicos, espaços que permitem uma divulgação mais rápida e menos estática que a que às vezes oferece um livro (Emanuel de Moraes, “Contos, uma produção anual”, *Jornal do Brasil*, 5/10/74). Também Aguinaldo Silva, crítico e colaborador do jornal *O Globo*, comenta que uma antologia como esta permite ao leitor descobrir “a vitalidade de um gênero literário tido como maldito há alguns anos no Brasil, e que agora é o favorito da maioria dos nossos escritores: o conto” (Aguinaldo Silva, “O conto ganha status”, *O Globo*, 13/10/74).

de assuntos que as definiam ou dos títulos apresentados (“os melhores contos”...), que eram mais facilmente consumidas pelo público que as antologias de um único autor, especialmente se este/a não ocupava posições centrais no sistema literário.

Se contrastamos essa imagem com a época em que Machado de Assis adota as diversas tomas de posição que o situam como um dos legitimadores desse gênero na tradição literária brasileira, observamos que seus contos, publicados entre 1858 e 1907, apareceram majoritariamente em jornais (*Jornal das famílias* – entre 1864-1878 –, *A Estação* – entre 1879 e 1898 – e na *Gazeta de Notícias* – entre 1881-1897). Segundo as palavras do crítico Domício Proença Filho (2010: 98), “o *Jornal das Famílias* e *A Estação* eram revistas femininas. Portanto, o autor dirigia basicamente sua produção a um público específico”. De todos os modos, convém ser cauto em relação ao número de leitores da época²¹ (e se se trata de livros ou de outras publicações) e relativizar a ideia generalizada de que havia um numeroso público feminino leitor no Brasil, como já assinalou J. Veríssimo em *Estudos da Literatura Brasileira* (3ª série, 1977: 31-48).

TRANSFORMAÇÕES NO SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO EM PRINCÍPIOS DA DÉCADA DE 1970.

Muitos produtores, muitos textos e também a diversidade de temas e opções assinaladas ao longo da década de 1970. Na opinião de alguns críticos, o conto, nesses anos, “simplesmente não é mais o que foi, nosso tempo está pedindo outro jogo” (Vieira, 1970). É um período de mudanças, na predileção de determinados materiais de repertório (por parte de produtores, mercado e consumidores) e também, em geral, das dinâmicas que funcionam no campo literário; de certo modo pelas novas estratégias de relação entre este e o campo do poder, sobretudo no período pós-68 (cf. Sússekind, 1985).

21 Coincidimos com o professor paulista Hélio Guimarães, para quem, “os dados das tiragens combinados com a velocidade do consumo das primeiras edições, o número total de títulos publicados anualmente no Brasil e os altos preços dos livros são indicadores da pouca popularidade do texto literário no Brasil oitocentista” (Guimarães, 2004: 67)

O sistema literário brasileiro desses momentos apresentou sintomas evidentes de estar vivendo uma reestruturação. Ao esboçar um balanço (literário) da década de 1960 o escritor e crítico Assis Brasil (*O Cruzeiro*, 13/1/71) destaca, em uma década que considera importante para a consolidação da tradição literária brasileira, o excepcional momento por que passa o (novo) conto brasileiro, com um grupo importante de autores, experimentando (“longe das historiazinhas bem arrumadas e lógicas que alguns ainda cultivam”) como também se experimentou, indica, na poesia e no romance.²² Os nomes de Dalton Trevisan, Rubem Fonseca, Luís Vilela, José Edson Gomes, José Louzeiro e J.J. Veiga são os destacados por Assis Brasil; apesar de que, como aponta nesse mesmo artigo o filólogo Antônio Houaiss, muitos dos autores de romance dessa década (e incluso da de 1970) também aparecem cultivando a forma conto.²³

Nessa época, o escritor e crítico Aguinaldo Silva (1966) recordou que “o conto tem sido o gênero preferido pelos nossos ficcionistas para as suas experimentações formais” e, como exemplo, cita o uso que Osman Lins faz da forma *cuento* em *Nove, Novena*, em sua opinião, para “livrar-se de todos os vícios do passado e lançar-se em novos caminhos”.

Não é Aguinaldo Silva o único em entender o uso desse material como fase de experimentação de um autor (ou autora), porque outros críticos também querem ver no conto a melhor forma narrativa da ficção para fases de transição dentro do panorama de um sistema literário. Dessa opinião é Antonio Candido (*Veja*, 15/10/75), quem considera que o conto, por não haver conseguido ainda a plenitude dos gêneros tradicionais – no momento que ele indica – serviria muito bem para fases de experimentação, de mudança ou de transição, porque

22 “A preocupação de nossos atuais contistas, parece, divide-se notadamente entre a busca de uma linguagem nova ou original ou simbólica e a tentativa de narrar o drama de uma consciência, marcada pela pluralização de problemas da vida moderna. (Lucas, 1968: 24).

23 Como exemplos podemos recordar os/as seis autores/as que “versionam” o conto machadiano em *Missa do Galo*. *Variações sobre o mesmo tema*; já que nenhum/a deles/as trabalha unicamente com livros de contos.

[...] o conto é curto e se encaixa perfeitamente dentro do espírito moderno, de muita rapidez, mantendo o elemento ficcional do romance, sem o compromisso da extensão. E, porque permite uma grande injeção de poesia, é uma forma mais ou menos ideal para fases de experimentação.

Fases de experimentação que podem afetar o sistema literário em geral ou de modo particular a algum produtor, como ocorreu no caso de Osman Lins²⁴ e, em certa medida, com o aumento de produção contística que se dá desde fins da década de sessenta até fins da década seguinte.

Em 1970, a professora, ensaísta e crítica literária Bella Jozef recorda que “a ficção brasileira encontra-se no caminho de sua reformulação” (*O Comentário*, 4, 1970), porque o romance e o conto atuais, “ao exprimir (e criar) novas relações entre o homem e o mundo reformularam suas estruturas”, e, de fato, a década de 1970 serviu para mudar e consolidar algumas das dinâmicas estabelecidas no campo literário (muito condicionadas pela relação entre este e o campo do poder), sobretudo, em termos de repertórios.

O ESTATUTO DO ESCRITOR PARA DIVERSAS AUTORIAS E MOMENTOS DE *MISSA DO GALO*

O livro despertou especialmente a atenção²⁵ para análise de tipo in-

24 Em 1966 (‘intenso trabalhador da palavra e da linguagem narrativa’, assim como foi designado Osman Lins) publica *Nove, novena*, um livro de contos ou narrativas – tal como as definiu – que, para muitos, foi o mais complexo e rico dos publicados durante esse ano.

25 Cf. por exemplo, CHICOSKI, Regina; PONTAROLO, Adrieli. “A representação da trajetória feminina na obra *Missa do Galo* – variações sobre o mesmo tema”. In: AAVV, *IV Semana do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes do Campus de Irati. Procedimentos Metodológicos: reflexões sobre o ensino e a aprendizagem*. Guarapuava: UNICENTRO, 2007, p. 35-48; NUNES, Tânia T.S. “Crítica, deslocamentos e transgressões em *Missa do Galo* de Machado de Assis”. In: AAVV, *I Seminário Machado de Assis*. UFRJ-UFF-UERJ: Disponível em: <www.filologia.org.br/machado_de_assis/seminario_machado_de_assis.html>; PILIZZARO, Tiago. “A intertextualidade nos contos *Missa do Galo*, de Machado de Assis e Néida Piñon”. In: *Línguas & Letras*, v. 9, n. 17, 2. sem., 2008, p. 11-25; _____. “O valor hipotextual do conto ‘*Missa do Galo*’”. In *Signo*, vol. 33, n. especial, julho, 2008, p. 99-108; SCARPELLI, Marli Fantini. “Entre ditos e interditos: ‘*Missa do Galo*’”. In: *O eixo e a roda*, v. 7, 2001, p. 20-43; ZOLIN, Lúcia Osana. “A re-

tertextual em que se estudam, com mais ou menos pormenor, as estratégias narrativas escolhidas pelos vários autores/as que respondem ao repto proposto O. Lins. Continuando com a metáfora criada por Paul Dixon em relação às personagens machadianos, poderíamos dizer que, com esse livro de 1977, põe-se o modelo em movimento²⁶ (e a palavra *modelo* aparece referida por Osman Lins na introdução do livro [1977:7]).

A esse respeito, interessei-me mais por aspectos que recordam o lado institucional e de mercado do produto literário, e pelo estatuto de quem assina a autoria do mesmo.

Costuma-se lembrar a faceta de Machado de Assis como o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897; mas, com frequência, esquecemos que essa instituição surge em um espaço social marcado por dinâmicas que funcionam dentro de um campo literário e um campo intelectual que permitem entender o nascimento da mesma, assim como o papel que esta adquire. São especialmente úteis as referências, fontes e reflexões que introduzem as professoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman no livro *O preço da leitura* (2001: 121-154), para entender algumas das claves desse período. Assim, sabemos que, um século antes da publicação de *Missa do Galo: variações sobre o mesmo tema*, alguns escritores e intelectuais brasileiros colocavam no centro do debate político e cultural da época questões que, em 1976 e 1977 tornem a estar em plena vigência no sistema literário brasileiro moderno. O espaço social não é o mesmo, mas há aspectos que aproximam o debate.

Segundo as palavras de Lajolo/Zilberman (2001: 147-148),

Assim, nas primeiras décadas do século XX o Brasil dispõe de lei e regulamentação relativas ao direito autoral, concretizando uma

das aspirações da geração que lutou pela República, no século XIX. As reivindicações começaram a tomar corpo após 1870, época em que os intelectuais aderiam às ideias positivistas e materialistas que desembocariam na derrubada do regime monárquico. Cientes de seu desamparo profissional, preferiram, ao lamento narcísico dos românticos, lutar pelo estabelecimento de agremiações que os congregassem e, ao mesmo tempo, se empenhassem na conquista de remuneração apropriada, direitos legais e proteção a seus familiares.

As tentativas de agrupamento que reunissem homens de cultura (essencialmente, homens de letras) concentraram-se, basicamente, na criação de duas associações que costumam ser indicados como antecedentes da fundação de uma Academia Brasileira de Letras. Coincidiu com Lajolo/Zilberman (2001: 150) na afirmação de que,

cabia a uma entidade associativa que correspondesse, digamos, a um sindicato, lutar pelo respeito à propriedade intelectual e literária e assegurar pensões a seus sócios. Tanto no projeto da Associação dos Homens de Letras, de 1883, quanto no da Sociedade dos Homens de Letras, de 1890, essas ideias estão presentes, mas não se concretizam.

Em seu lugar, e no mesmo período, mas com objetivos distintos, é fundada a Academia Brasileira de Letras. Abrigando a elite letrada atuante na época e sendo, até hoje, entidade máxima das letras brasileiras, em seus princípios, modo de ser, regimento e práticas, ela é omissa quanto à perspectiva profissionalizante da escrita.

Por trás dessas iniciativas para conseguir um estatuto de legitimação para escritor, produto literário e um reconhecimento em forma de direitos de autor (ou de propriedade intelectual; cf. Lajolo/Zilberman, 2001: 136-137) estavam, em fins do século XIX e início do XX, escritores que ocupavam algumas posições centrais no campo intelectual brasileiro. Entre eles, Sílvio Romero, Franklin Távora, Pardal Mallet e Machado de Assis.²⁷

escritura de *Missa do Galo* através de um olhar feminino". In: *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*. Maringá, v. 23, n. 1, 2001, p. 103-108.

26 Na opinião do ensaísta estadunidense, "os 'personagens' não precisam levar o leitor à associação com pessoas de carne e osso, porque são apenas receptáculos de ideias, pontos de vista ou valores. São, por assim dizer, modelos em movimento, mais do que gente" (Dixon, 2006: 189).

27 A princípios do século XX, também João do Rio escreve a favor da profissionalização do escritor (cf. *O momento literário*, 1908).

O autor de *Missa do Galo*, entre outros textos, participou dessas reivindicações, não só participando da diretoria da *Sociedade dos Homens de Letras*, como também com artigos de crítica, com cartas (entre outros, a Joaquim Nabuco) e, posteriormente, na fundação e presidência da ABL, em cujos estatutos não se reflete de modo claro “a questão da remuneração das Letras” (Lajolo/Zilberman, 2001: 150).

O empenho em conseguir um amparo legal para o produtor e o produto literário se viu, às vezes, relegado a um segundo plano ao discutirem-se questões políticas que traía a mudança de uma estrutura monárquica para uma republicana para Brasil. A autonomia de um incipiente campo literário brasileiro em relação ao campo do poder (político e econômico) estava em suspeição (Guimarães, 2004: 67) e a criação de uma instituição como a ABL não acabou de solucionar isso. Como bem sugerem Lajolo e Zilberman, a criação de uma Academia Brasileira das Letras conferiu respeitabilidade ao escritor consagrando a aqueles que passavam a integrar a instituição (e o processo de institucionalização é fundamental nesses momentos para o estatuto de escritor), mas não entrava claramente na profissionalização de seus membros, atuais ou futuros.

A Academia Brasileira de Letras surge, como vemos, em um momento de importantes transformações políticas e sociais, muito visíveis na cidade do Rio de Janeiro que vive uma reestruturação quase obsessiva por parte de algumas autoridades políticas. Insiste-se em que a capital vive a euforia de 1900, a época do *bota abaixo* (obras de Pereira Passos), da ideia de que o *Rio civiliza-se*, com uma nova geografia urbana e os dândis estreando a nova cidade... A ABL surge nessas coordenadas e não é alheia aos planos alternativos organizados por outros agentes do sistema (que ocupam, na época, posições mais periféricas) nos cafés²⁸ da Rua do Ouvidor ou na Uruguaiana (o Papagaio ou o Café Central); nem nas sessões nos palacetes de Laurinda

28 Ali se reuniam basicamente os boêmios, porque, em fins do século XIX, as linhas de força mais visíveis do campo literário brasileiro podemos indicar que eram: o grupo da livraria Garnier, que se polariza em torno à figura de Machado de Assis; os nefelibatas ou simbolistas, liderados por Cruz e Sousa; e o grupo boêmio, reunido em torno Paula Nei e José do Patrocínio.

Santos, de Coelho Neto ou de Júlia L. de Almeida ou em livrarias como a Garnier,²⁹ onde assistia Machado de Assis e escritores a ele vinculados.

Muitos anos mais tarde, a meados da década de 1970, o debate sobre essa mesma instituição se centrou em uma questão que vinham mobilizando algumas escritoras como Dinah Silveira de Queiroz: a possibilidade de que alguma delas fosse membro da ABL. Em uma sociedade que ainda “reserva espaço à mulher por cota”,³⁰ foi preciso esperar oitenta anos para que a Academia Brasileira de Letras abrisse suas portas à primeira mulher.³¹ Foi Rachel de Queiroz a eleita. Nesse ano de 1976, depois de uma polêmica com bastante presença na imprensa,³² a ABL – como instituição – mudou finalmente de ideia e aprovou uma mudança no artigo 17 de seu regulamento interno, a conhecida Emenda Osvaldo Orico, que permitia o ingresso de mulheres na Academia (14 de outubro de 1976).

Essas discussões se entrecruzam, a meados dos anos 1970, com outras já conhecidas sobre a condição do ofício de escritor (assim como a heteronomia/autonomia do campo literário), sendo assunto destacado de alguns encontros que, a escassa abertura política do regime militar, permitia a partir de 1975.

Assim, no encontro organizado em Porto Alegre, em outubro de 1976, *Projeto Cultur 76*, meia centena de escritores/as e críticos/as (entre outros, José Louzeiro, Clarice Lispector, Leo Gilson Ribeiro, Lygia Fagundes Telles ou Nélida Piñon) decidiram aprovar um documento a favor da profissionalização da classe de escritora e em defesa da liberdade de criação. Nesse escrito de 27 de outubro, “os escritores clamavam sobretudo pela profissionalização de sua ocupação destacando a importância do projeto e pedindo uma maior

29 A propósito do papel desempenhado pela ABL e por espaços como a livraria Garnier nas dinâmicas que vive o sistema literário brasileiro no período da “belle époque” (Villarino Pardo, 2005) torna revelador um texto de João Luso (publicado na revista *Kosmos*, em novembro de 1908), “A sublime porta”.

30 Como denuncia Nélida Piñon em 1977, *Cultura Impressa* (p. 11), São Paulo.

31 V., por exemplo, *Correio do Povo*, 4/8/76; *O Estado de S. Paulo*, 4/8/76; *O Fluminense*, 4/8/76 etc.

32 Cf., entre outros, os artigos publicados em: *Última Hora*, 27/7/76, I. Burnett; *Jornal da Tarde*. *O Estado de S. Paulo*, 4/8/76, etc.

objetivação junto às escolas” (A. Hohlfeldt, “Dois anos de projeto Cultural”, *Cultura Contemporânea* 6, 1977).

Surgiu a ideia da fundação de organismos associativos que, em um prazo legal, se transformassem em sindicatos e em uma federação nacional. Um sindicato diferente daqueles que existiam, e na prática não funcionavam como tais,³³ no Rio de Janeiro e em São Paulo. Esses produtores literários entendiam que era evidente a necessidade de regularizar a profissão e de evitar casos humilhantes de abusos editoriais, ao entender que “a literatura atualmente deixou de ser uma coisa ornamental. É uma profissão que precisa de todo o amparo legal” (Leo Gilson Ribeiro, *Veja*, 3/11/76).

Nesse Encontro participaram produtores/as que já ocupavam uma posição de prestígio no interior da rede sistêmica. Estes insistiram na necessidade de associar-se em torno a um sindicato forte, que defendesse seus interesses (V. Wyler, *Jornal do Brasil*, 26/8/76); uma decisão que apoiaram majoritariamente em Porto Alegre em 1976-1977 e que levou, por exemplo, aos/às autores/as cariocas a participar da renovação e dinamização do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro (SERJ). Aqueles que participaram desses processos eram conscientes de que um sindicato não ia resolver todos os problemas do escritor e do mercado editorial, mas se mostravam convencidos de que era necessário agrupar-se.

Apesar de que a principal preocupação da maioria deles/as era conseguir a liberdade de expressão e a democracia no Brasil, um número amplo – a maioria presente nos debates públicos em Porto Alegre, São Paulo ou Rio de Janeiro entre 1975-1977, e ocupando posições pouco periféricas – buscavam o prestígio e a legitimação de seu trabalho e de seu ofício através da via que a profissionalização lhes oferecia.

A MODO DE CONCLUSÃO

A solidariedade e o reconhecimento *inter pares* que esse tipo de encontros propiciou, facilitou a concepção de uma ideia de classe que, ao longo da década de 1980, foi se fazendo mais patente. O desconhecimento de alguns colegas de ofício por causa do marasmo intelectual (provocado por algumas das estratégias utilizadas por agentes do campo do poder político em relação com o campo literário no período pós-68) foi substituindo, ao longo de 1977, colaborações em semanas dedicadas ao escritor, Encontros sobre Literatura, manifestos, caravanas literárias...

O livro organizado por Osman Lins pode ser visto como uma iniciativa em relação a essa situação. *Pares* que se reconhecem e que são reconhecidos pela crítica.

33 José Louzeiro (um dos principais responsáveis pela criação do SERJ a partir do *Jornal do Escritor* – fundado por aquele em 1968) indicou que nos primeiros momentos do Sindicato houve alguma confusão entre sindicalismo e clube literário, e que alguns colegas deixaram de pertencer a ele ao comprovar que não se tratava de uma editora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIXON, P. “Modelos em movimento: os contos de Machado de Assis”. In: *Teresa. Revista de Literatura Brasileira*, 6-7, 2006, p. 185-206.
- EVEN-ZOHAR, I. “The literary system”. In: *Poetics today* 1: 11 (Spring), 1990, p. 27-44.
- GUIMARÃES, H. de S. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial-Edusp, 2004.
- LAJOLO, Marisa; Zilberman, R. *O preço da leitura. Leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001.
- LINS, O. (Org.): *Missa do Galo. Variações sobre o mesmo tema*. São Paulo: Summus, 1977.
- LUCAS, F. “Renovação do Conto”. In: *Cadernos Brasileiros* 46, mar.-abr., 1968, p. 24.
- _____. “O conto no Brasil moderno”. In: Proença Filho, D. (Org.). *O livro do Seminário. Ensaios*. São Paulo: LR Editores, 1982, p. 103-164.
- MELLO, A. M. L. de. “Tradição e inovação nos contos de Machado de Assis”. In: Vânia Pinheiro Chaves *et alii*, (Orgs.). *Lembrar Machado de Assis (1908-2008)*. Lisboa: CLEPUL-Missão do Brasil/CPLP, 2009, p. 29-40.
- MILLARCH, A. “Contos, recordando os velhos concursos”. In: *Estado do Paraná. “Almanaque”*, 16/09/1987, p. 3. Disponível em: <<http://www.millarch.org/artigo/contos-recordando-os-velhos-concursos>> Acesso em: 28 set. 2010.
- PROENÇA FILHO, D. “El cuento de Machado de Assis”. In: *Revista de Cultura Brasileña*, 7, 2010, p. 98-129.
- RUFFATO, L. “Revistas literárias da década de 1970 (1-10)”. *Rascunho*. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/index.phppras=secao.php&modelo=2&secao=3&lista=1&subsecao=59&ordem=0&sem limite=todos>>. Acesso em: 28 set. 2010.

- RUFFATO, L. “Revistas literárias da década de 1970 (11-12)”. In: *Rascunho*. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/index.phppras=secao.php&modelo=2&secao=3&lista=1&subsecao=59&ordem=0&sem limite=todos>>. Acesso em: 28 set. 2010.
- SILVA, A. “Livros. Novos rumos em Nélide Piñon”. In: *Última Hora*, 12/9/66.
- SOBRINHO, B. L. *Os precursores do conto no Brasil*. Rio de Janeiro/São Paulo: Civilização Brasileira, 1960.
- SÜSSEKIND, F. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- VILLARINO PARDO, M. C. *Aproximação à obra de Nélide Piñon. A república dos sonhos. (A trajetória de Nélide Piñon no sistema literário brasileiro)*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2000. CD-ROM.
- VILLARINO PARDO, M. C. “Dos Pré(s) e dos pós-. A propósito do chamado Pré-modernismo brasileiro”. FERNANDES, Maria da Penha Campos (Org.). *História(s) da literatura*. Actas do 1º Congresso Internacional de Teoria da Literatura e Literatura Lusófonas. Coimbra: Almedina, 2005, p. 221-237.
- XAVIER, E. *O conto brasileiro contemporâneo. A modalidade urbana dos anos 20 aos anos 70*. Rio de Janeiro: Padrão, 1987.